
EDITORIAL

A PESQUISA OFTALMOLÓGICA NO BRASIL

Almíro Pinto de Azevedo (*)

Eis assunto que está a merecer palavras. Evidente, nossos recursos materiais são poucos, não nos sobra, ainda, bastante, para investimentos significativos na pesquisa, como sucede noutras terras, de maior tradição na ciência. Mesmo assim, já podemos destacar algum esforço oftalmológico, preponderando trabalhos de natureza clínica, nem sempre enriquecidos com a experimentação, com o laboratório. Preocupação com a originalidade não é regra, tendemos a repetir publicações lá de fora, o que não é, convenhamos, de todo, mal. Valem para divulgar coisas importantes, conquistas definitivas que, em nossa língua, se espalham melhor, beneficiando doentes. Além de nos faltar a infra-estrutura instrumental e de técnicos, devidamente habilitados, sofremos as consequências da maneira brasileira de formar médicos. Com algumas exceções, as Faculdades, daqui, não têm grande história na pesquisa. Até pouco tempo, sómente visavam a formação de profissionais práticos, sem «academicismos científicos».

E foi quase em função da carreira universitária que surgiram as melhores coisas nesse sentido. Através de teses para o magistério, apareceram trabalhos bem elaborados. Mas a tese, tal qual a concebemos, parece-nos fórmula inadequada para manifestar o pensamento científico moderno. No alongamento expositivo, com preocupação de afetar cultura, de transbordar erudição, perde-se, muita vez, o miolo, a essência da mensagem, cuja originalidade era o ponto a destacar. A época, de informações maciças e rapidamente renovadas, aconselha-nos condensação. Algumas revistas científicas já informam exemplarmente, com objetividade, os artigos sintetizando o que podem, em gráficos, tabelas e fórmulas matemáticas. As bibliografias, exaustivamente selecionadas, apontam, sómente, aqueles trabalhos mais representativos para o aclaramento do problema.

Em nossa oftalmologia já existem colegas com vocação para a pesquisa, os quais, com enorme esforço, auto-didatismo, chegam a expressivas contribuições. Merece destaque, na década dos cinqüenta, a tese de Sílvio de Abreu Fialho, sobre Toxoplasmose Ocular. Constitue modelo de pesquisa clínica, bem fundamentada na experimentação e no laboratório. No decênio anterior, Ciro de Rezende estudara os efeitos oculares da hipertensão arterial, experimentalmente provocada, no cão.

(*) Professor de Oftalmologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto — Universidade de São Paulo.

Contribuições originais, sobre morfoscopia ocular, deu-nos Bussaca, também, naquêles anos. Poderíamos considerá-los primeiro toque de chamada para a renovação da pesquisa ocular no país, que outros, posteriormente, engrandeceriam, em trabalhos de valor igual.

Um dos grandes obstáculos ao avanço da pesquisa oftalmológica original, era nosso despreparo nas biociências. Perdíamos, com isso, oportunidades de diálogo útil e cooperação com pesquisadores daquêles campos. Sem portas, bem abertas, para o aprendizado tecnológico e científico básicos, ficávamos desprovidos das ferramentas que nos habilitassem à exploração de problemas clínicos desafiantes, de acordo com as boas normas científicas.

Impulso renovador para a investigação oftalmológica advirá com a aceitação geral da moderna imagem do professor, ligado, obrigatoriamente, à pesquisa, fator que o distinguirá dos profissionais da mesma área clínica. Professor, apenas transmitindo aquilo que outros criaram, é mal exemplo. Os alunos, também, se educam com o interesse dos mestres em contribuir, pouco que seja, para o avanço da medicina. A recente oficialização dos Cursos de Pós-Graduação trouxe nova maneira de caminhar, para o professorado. A Pós-Graduação é a receita de esperança, cuja vivência, em muitos cursos, oferecerá os dados para seu próprio aperfeiçoamento. Desde já, promete atingir seu objetivo principal: o professor que ensina e pesquisa.

A preferência dos clínicos pela investigação aplicada é justificável, pois de conteúdo mais motivante. Entretanto, a chamada pesquisa não aplicada, precisa, igualmente, de incentivos. Os «teóricos» são caixas de surpresas, aplicações inesperadas costumam surgir de seus estudos, com o passar do tempo. Dizia-nos Bussaca serem essas investigações «teóricas» a marca de povos com real tendência científica.

Pesquisas sempre ocorrerão, em maior escala, nas universidades, nos centros especiais de investigação e laboratórios da indústria farmacêutica, envolvendo professores. Mas, os oftalmologistas absorvidos no exercício profissional, que participação poderiam ter na matéria? Não deviam, também, entrar na corrente, colaborando, mesmo indiretamente, nos fascinantes desafios? Este palavreado sobre fatos acontecidos e por acontecer perderia sentido se não sugeríssemos caminhos neste editorial.

Temos o Conselho Brasileiro de Oftalmologia, cujo prestígio aumenta e ganhará projeção, ainda maior, quando decidir interessar-se por problemas de pesquisa. De que modo?

Responsabilizar-se, diretamente, por um Centro Nacional de Pesquisas, é utópico, a esta altura. O dispêndio seria insuportável e o rendimento sem garantias.

Todo começo é no chão, bem assentado e o primeiro passo: criar um FUNDO DE PESQUISAS. Os recursos viriam da indústria farmacêutica e instrumental especializadas, das arrecadações dos Congressos, de doações pessoais, ou outras fontes, que nosso engenho descobrir.

Como empregar êsses recursos? Doando bôlsas, bôlsas de estudo, avançado ou de iniciação, no Brasil ou no estrangeiro, mediante criteriosa distribuição. Não se concederiam, sómente, a oftalmologistas, mas, também, a elementos vinculados às ciências biológicas, porém, interessados em pesquisas sobre visão, desde o psicólogo até o geneticista, físico ou bioquímico, etc., etc. Tudo dependeria do valor do projeto apresentado, dos méritos do pesquisador.

Abriríamos, dêste modo, caminhos de comunicações com outros ramos da ciência, cresceríamos em conceito, junto a organismos médicos e científicos, com vantagens, facilmente imaginadas, para a especialidade.

Tais recursos financeiros, uma vez aumentados, poderiam levar, um dia, o C.B.O. a «encomendar» pesquisas, divulgadas, depois, nos Congressos de Oftalmologia.

Finalizando, só nos resta torcer para que esta modesta mensagem se transforme em semente e frutifique.